



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

CAMILLA FAÇANHA KLEIN

A HISTÓRIA, A INFÂNCIA E O BRINCAR DE CRIANÇAS PEQUENAS.

Brasília – DF
2017

Camilla Façanha Klein

A HISTÓRIA, A INFÂNCIA E O BRINCAR DE CRIANÇAS PEQUENAS.

Trabalho de final de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia, à
Comissão examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Fátima Lucília Vidal
Rodrigues

Brasília – DF

2017

KLEIN, Camilla Façanha

Ensaio: A história, a infância e o brincar de crianças pequenas. Camilla Façanha Klein. Brasília: UnB. 2017.
p.53

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) – Universidade de Brasília, 2017. Camilla Façanha Klein

A HISTÓRIA, A INFÂNCIA E O BRINCAR DE CRIANÇAS PEQUENAS.

Trabalho de final de curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia, à
Comissão examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília.

Defendida e aprovada em XX de Mês de 2017.

Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Nome Do Examinador (A)
Local De Atuação Do Examinador

Nome Do Examinador (A)
Local De Atuação Do Examinador

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus que iluminou meu caminho nesta jornada, aos meus pais e irmã por estarem comigo me apoiando incondicionalmente em todos os meus passos, incentivando-me a crescer e a seguir meus sonhos. Por fim, agradeço a todos os meus professores que foram essenciais para minha formação, como pessoa e como pedagoga, e em especial à minha orientadora e professora, Fátima Lucília Vidal Rodrigues, que me orientou com tanta paciência e dedicação para a conclusão deste trabalho.

*“Se a educação sozinha não
transforma as sociedades, sem
ela tampouco a sociedade muda.
” Paulo Freire*

RESUMO

Este ensaio teve por objetivo compreender as infâncias em um espaço-tempo singular, considerando os aspectos implicados. A prática de estágio curricular e extensionista, em uma comunidade periférica do Distrito Federal, serviram como inspiração. O presente trabalho teve por intuito também verificar a história da infância e como ela vem se constituindo desde a Idade Média até os tempos modernos, tendo por finalidade, provocar a reflexão acerca do brincar infantil e como esta atividade corrobora para o desenvolvimento e aprendizado. Os conceitos norteadores foram embasados em teóricos como Vygotsky (1984), Ariés (2014) e Dolto (2007), além de leis e documentos oficiais que regem a infância e intitolam os direitos infantis.

Palavras-chave: Brincar. Infância. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This study sought to understand childhood in a particular space-time paradigm, considering the aspects implied. The practical curricular extension secondment to a community on the outskirts of Brazil's capital (Federal District) served as inspiration. This paper further aimed to verify the history of childhood and how it has been constituted since the Middle Ages up to modern days, seeking to provoke reflection on child play and how this activity contributes to development and learning. The guiding principles were based on theoreticians such as Vygotsky (1984), Ariés (2014) and Dolto (2007), in addition to official legislation and documentation governing childhood and establishing children's rights.

Key words: Play. Childhood. Development.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DF	Distrito Federal
UnICEUB	Centro de Ensino Unificado de Brasília
CDC	Centro de Desenvolvimento da Criança
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
FE	Faculdade de Educação
IP	Instituto de Psicologia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
PARTE 1.- MEMORIAL	12
PARTE 2.- ENSAIO.....	15
INTRODUÇÃO	15
Capítulo 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1 A História da Infância	17
1.2 Infâncias.....	20
1.3 A infância nos dias de hoje	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 2 - O BRINCAR E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL	26
2.1 O brincar	26
2.2 O papel do brinquedo.....	28
2.2.1 O brincar e o brinquedo em diferentes contextos sociais.....	29
2.3 Crianças que vivem em situação de miséria no Brasil	30
2.4 Crianças que vivem em situação de guerras e conflitos	Erro! Indicador não definido.
2.4.1 A infância nessas realidades.....	Erro! Indicador não definido.
Capítulo 3 - CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA - CDC -	35
3.1 A comunidade	35
3.2 O lixão da Estrutural.....	35
3.3 As crianças que vivem na região	36
3.4 O CDC	37
3.5 Entrevista	39
Capítulo 4 - ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA VIVIDA	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
PARTE 3. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	48
REFERÊNCIAS.....	49
ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	52
APÊNDICE	53

APRESENTAÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso, como requisito conclusão do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, encontra-se dividido em três partes: memorial, ensaio e considerações finais.

O memorial é um breve relato da minha história de vida, tanto pessoal como acadêmica, em que busco mostrar meu caminho trilhado desde o nascimento até a escolha da minha profissão. Ressaltei as dificuldades encontradas durante o percurso e como a vida me levou para a escolha do curso de Pedagogia, além de expor como foi feita a escolha do tema desta monografia.

O ensaio está dividido em três capítulos: O primeiro refere-se à história da infância, suas nuances e mudanças de paradigmas, em consonância com autores importantes, busco consolidar a história infantil desde a Idade Média até os tempos modernos. O segundo capítulo tem por intuito mostrar como o brincar é importante para o desenvolvimento e aprendizado das crianças, ressaltando a importância do brinquedo, do lúdico e da imaginação. Além disso, o segundo capítulo irá mostrar como o brincar se configura em diferentes contextos sociais e como a infância pode ser perdida em um mundo repleto de desigualdades. Por fim, o terceiro capítulo elucida as reflexões teóricas do primeiro e do segundo, no qual mostro como o estágio feito em uma comunidade periférica do Distrito Federal influenciou minha prática como pedagoga, e fez com que eu refletisse sobre a infância em diferentes contextos sociais e econômicos.

A terceira parte do trabalho de conclusão de curso tem por objetivo explicar minhas expectativas em relação a profissão e meu futuro como Pedagoga.

PARTE 1.- MEMORIAL

Em 1993 nasce, em Cabo Frio (RJ), uma menina inquieta, curiosa e louca para descobrir o mundo. Filha de pai militar e mãe professora, estava sempre me mudando de um canto ao outro desse país. Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Brasília, Fortaleza...vários lugares e várias experiências. Não achava de todo ruim me mudar, apesar de sempre sofrer com a perda das amizades, desfrutei de todo o conhecimento e peculiaridades que cada uma dessas cidades pôde me oferecer. Todavia, vejo como essa vida de mudanças prejudicou meu processo escolar; passei minha vida mudando de escolas, de métodos educacionais, de professores, e sempre tendo que me habituar ao novo.

Minha primeira vivência escolar foi aos 2 anos de idade, quando morava em Ladário, uma pequena cidade no Mato Grosso do Sul. Fui para uma escola de Educação Infantil chamada “Acalanto”, onde fiquei durante os dois anos, quando novamente mudamos. Dessa vez, viemos para Brasília. Já com 4 anos, fui para o INEI, uma escola particular na Asa Sul. Lá, me recordo que tive inúmeras vivências enriquecedoras. Amava a escola, o espaço, a professora e meus amiguinhos.

Quando pequena, me adaptar às mudanças era fácil, rapidamente ia gostando e me acostumando com o lugar, mas à medida que fui crescendo, essas transferências iam se tornando cada vez mais traumáticas. Voltei para Ladário. Não foi fácil ser alfabetizada lá. A educação é precária e mesmo as escolas particulares deixam a desejar. Mais dois anos, e uma nova transferência, para Brasília, regressei ao INEI. Apesar de voltar com algumas dificuldades, em termos de aprendizado, me adaptei rapidamente e pude dar sequência, por 4 anos, ao meu processo educacional em um mesmo lugar. Com 12 anos, mais uma mudança, dessa vez para Fortaleza. O período em Fortaleza foi o mais conturbado, devido às escolas que passei e os diferentes métodos educacionais que fui submetida.

Logo que cheguei, estudei em uma pequena escola chamada Oliveira Lima. A escola seguia os ideais Piagetianos e se baseava em um modelo de educação livre, onde o aluno era corresponsável por sua educação, de acordo com seus interesses e vivências. A escola incentivava a poesia, o desenho, a literatura, o teatro e a liberdade de expressão. No início, estranhei um pouco, pois era muito diferente de todos os espaços educacionais, os quais eu já estive, mas logo depois já amava a escola. Me sentia livre para criar, escrever, expressar meus sentimentos e minha

criatividade. Passei mais de um ano e pude ver nitidamente a diferença que fez em minha vida. Não só em relação aos conhecimentos adquiridos, mas, também, na minha formação como pessoa.

Apesar de estar amando a escola, meu pai sempre teve o sonho em que eu estudasse no Colégio Militar. Nunca me vi estudando em uma escola militar, porém para realizar o desejo do meu pai, concordei em entrar.

Fiz a prova e passei. O choque foi muito grande, vim de uma escola onde era livre para aprender e fazer o que queria, onde havia saraus de poesia, teatro, rodas de conversa..., para um colégio extremamente rígido e tradicional. Como havia imaginado, não consegui me acostumar com as normas, regras e com a rigidez da escola. Com 3 meses pedi para sair. Estava triste e com saudades do meu antigo colégio. Voltei para o Oliveira Lima e fiquei até ir embora de Fortaleza.

Com 13 anos vim para Brasília em definitivo, meu pai entrou para a reserva da Marinha e decidiu que iríamos morar em Brasília. Voltei para o Inei e fiquei até o fim do ensino fundamental. Como a escola não tinha ensino médio, tive que mais uma vez mudar de escola. O ensino médio foi, definitivamente, uma das fases mais difíceis da minha vida. Não conseguia me adaptar ao método de ensino da escola, extremamente maçante e competitivo. Não passávamos de números que poderiam ser futuros índices de aprovação no vestibular. Caso, você não tivesse potencial, era excluído. Fiquei 1 ano no Leonardo da Vinci, e depois de muito sofrimento e pressão, conversei com meus pais e pedi para sair. Fui para uma pequena escola de freira no final da Asa Norte onde terminei meu ensino médio com tranquilidade.

Decidir aos 17 anos o que você quer fazer para o resto da sua vida não é uma tarefa fácil. Sempre me vi fazendo uma série de coisas e me encaixando em várias profissões. Tive a fase da veterinária, da advogada, da arquiteta..., mas a educação sempre me fascinou. Sempre acreditei no poder e na diferença que educadores fazem na vida de qualquer um em processo de desenvolvimento. Me interessava a forma como as crianças se desenvolvem, como aprendem, como enxergam o mundo.

Deste modo, minhas opções foram se afunilando, até que cheguei à Pedagogia e Psicologia. Fiz o PAS e o vestibular da UnB para Pedagogia, e o vestibular do UniCeub para Psicologia. Passei em todos e tive a oportunidade de escolher o que queria fazer. Naquele momento, Pedagogia pareceu ser a escolha certa.

No decorrer do curso, pude experimentar diversas áreas que a Pedagogia tem para oferecer, bem como, contribuíram para o meu preparo como futura pedagoga: estagiei em uma escola bilíngue; trabalhei no STF com educação a distância; no Ministério da Saúde observando o desenvolvimento de bebês e na escola Moara com uma criança autista.

Trabalhar em uma escola foi gratificante, mas um pouco assustador. Sempre idealizei uma forma de educar que, na maioria das escolas, não acontece. Me decepcionei, entrei em uma “crise de identidade” com a faculdade de Pedagogia e comecei a refletir se era isso mesmo que eu queria. Pensei em trocar de curso, abandonar todo o caminho que já tinha construído até aqui. Até que me encantei pela psicanálise e pela psicologia. Mas como juntar tudo que já havia visto e aprendido na Pedagogia com a Psicologia? E neste contexto, tudo começou a se encaixar. Conheci a professora Fátima Vidal, que me sugeriu fazer meu estágio obrigatório na Casa de Paternidade na Estrutural, região carente do Distrito Federal. Conhecer outras realidades, ver como a educação ocorre de distintas maneiras em diferentes espaços, observar que cada criança tem seu ritmo e se desenvolve conforme os estímulos dados e o ambiente que as cerca, me fez vislumbrar que a pedagogia e a psicologia caminham juntas.

Todo meu trabalho na casa de paternidade me fez refletir sobre como essas crianças aprendem e se desenvolvem em um espaço não escolar, cercado por lixo, em um ambiente hostil e de vulnerabilidade social.

Por fim, com toda essa experiência pude notar a extrema necessidade de novos pedagogos com potencial criativo e compromissados com a educação, pois incursionar pelas problemáticas de um ensino ainda deficiente mostra a realidade do nosso país e o que podemos fazer para possibilitar a formação de cidadãos críticos, autônomos e participativos dentro da sociedade.

PARTE 2.- ENSAIO

INTRODUÇÃO

Compreender o desenvolvimento infantil não é uma tarefa fácil. A subjetividade que cerca esta área de estudo mostra como as crianças são singulares em sua forma de agir, pensar, brincar e, conseqüentemente, desenvolver-se. O meio familiar, o ambiente que as cerca, os estímulos dados, entre outros, afetam diretamente o aprendizado e sua formação integral. Compreender a infância e a relação do brincar em diversos contextos sociais e econômicos foi o objetivo primordial deste trabalho. O objetivo geral, acima citado, tem relação direta com as perguntas norteadoras que embasam e direcionam este ensaio:

- Como o brincar e o brinquedo corroboram para o desenvolvimento de potencialidades necessárias à formação?
- Como o meio influencia no brincar?
- Como a infância se constitui em diferentes espaços sociais e econômicos?

O interesse em responder essas perguntas surgiu a partir do estágio obrigatório do curso de Pedagogia, da Universidade de Brasília, na Casa de Paternidade, situada na Estrutural, área carente do Distrito Federal.

Localizada na Comunidade Santa Luzia, Cidade Estrutural, Brasília/DF, a menos de 15km do Palácio do Planalto, a Casa de Paternidade e o Centro de Desenvolvimento da Criança (CDC) abrigam crianças que vivem em situação precária, em um ambiente hostil e insalubre pelos depósitos de lixo. Considerando que a cidade cresceu em volta do Lixão e que recebe detritos do Distrito Federal desde a década de 60¹, a comunidade é marcada pelo reflexo da violência e do trabalho infantil. Com o intuito de oferecer uma infância digna e que os direitos infantis sejam preservados e garantidos, em 2011, com parceria do projeto de extensão da UnB “ Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras”, o Centro de Desenvolvimento foi criado.

O projeto tem por finalidade abrigar crianças de 0 a 6 anos e oferecer o cuidado, o carinho, o brincar, além de atividades pedagógicas. As crianças são

¹ Disponível em:< <https://www.casadepaternidade.org/>> Acesso em 5 de maio de 2017

cuidadas pelas mães da comunidade que trabalham como voluntárias no projeto e que são auxiliadas por educadores e alunos da UnB.

A observação foi realizada durante seis meses, uma vez na semana, durante o período da manhã. Todos os encontros tiveram o intuito de observar a dinâmica da instituição e interagir com as crianças, fazendo as mediações conforme as demandas estipuladas. Deste modo, foram totalizados 18 encontros, sendo 90 horas ao longo do semestre.

O trabalho baseia-se em relatórios, resultantes do trabalho de campo, feitos mediante as observações realizadas neste período. Os relatórios foram resultados do estágio obrigatório, da disciplina Projeto 4 do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Sendo assim, após seis meses na Casa de Paternidade, observei como a brincadeira é uma atividade essencial para o desenvolvimento infantil, considerando que as crianças, no período em que eu estava presente, não tinham atividades direcionadas e podiam criar usando a imaginação e explorando seu potencial criativo. Deste modo, vi a necessidade de pesquisar como o brincar pode constituir a infância, levando em consideração os diversos contextos sociais e econômicos.

Para melhor desenvolver a discussão, apresento o ensaio monográfico em capítulos.

No primeiro capítulo discute-se a história da infância desde a Idade Média até os tempos atuais, tentando compreender as mudanças relativas ao sentimento infantil e o lugar da criança na sociedade atual.

Já o segundo, explana a importância do brincar e do brinquedo para o desenvolvimento da criança e como a brincadeira se apresenta nos diferentes contextos sociais.

Por fim, para elucidar toda a parte teórica, o terceiro capítulo tem por intuito mostrar a experiência com crianças pequenas em área periférica do Distrito Federal, e como essas crianças vivem e se desenvolvem, sendo, muitas vezes, privadas de elementos essenciais à formação.

1- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo irá elucidar a história da infância desde a Idade Média até os tempos modernos, com o objetivo de retratar como a criança era vista e compreendida nos tempos antigos, ressaltando através do olhar de Philippe Ariès (2014), as peculiaridades desse período histórico e como o sentimento de infância evolui e se modifica ao longo do tempo.

1.1 A história da infância

A história da infância, sua trajetória e as mudanças de paradigma na sociedade no decorrer do tempo, são de fundamental importância, nos diferentes âmbitos, para se compreender os processos educativos e o desenvolvimento da criança nos tempos atuais.

Sabe-se que a criança para conquistar seu lugar no mundo seguiu um longo caminho, sendo tratada, por muito tempo, como uma “pequena adulta”. Não havia diferenciação entre o adulto e a criança, apenas por esta ser de menor estatura, mas tal, não era tratada levando em consideração suas especificidades. De acordo com (ARIES,2014, p.18), “até o fim do século XVIII, não existiam crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido”. Nota-se nas pinturas e retratos antigos, que elas eram retratadas por meio das vestimentas, dos costumes, entre outros aspectos, como adultos, mostrando, nitidamente, que a infância era uma fase sem importância. Isto não significa que as crianças eram negligenciadas, como expõe Ariès (2014, p. 99):

Na sociedade medieval, que tomamos como ponto de partida, o sentimento da infância não existia – o que não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde à consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. Por essa razão, assim que a criança tinha condições de viver sem a solicitude constante de sua mãe ou de sua ama, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes.

Sendo assim, é importante salientar que há uma diferença entre a criança considerada pequena e a grande. Devido às condições demográficas e sociais à época, e, talvez, à falta de compreensão dos devidos cuidados com a infância, nota-

se um alto índice de mortalidade infantil, comum às crianças de até os dois anos de idade, ou seja, essas crianças não eram levadas em conta. Não se pensava em um futuro para elas, já que as mesmas podiam “desaparecer” a qualquer momento. Devido à normalidade do processo de perda, os pais já se acostumavam à situação. “A perda acontece com tristeza, porém sem desespero” (ARIÈS, 2014, p.22). Diante disso, a criança pequena, possuía uma identidade mais frágil do que a maior, já que esta não corria o risco iminente de mortalidade.

É importante salientar que não era exigida nenhuma preparação dos adultos para lidar com as necessidades básicas da infância. A personalidade da criança era construída por estes, que tinham como principal objetivo formá-las para a vida adulta, sem levar em conta seus pensamentos e diferenças. Esta forma de pensar e educar refletia significativamente na sua maneira de viver. Jogos e brincadeiras eram pensados para incitar as crianças à desenvolverem habilidades importantes para aquele período. Como coloca Ariès (2014, p.42), as atividades eram estimuladas desde cedo, trocando os “brinquedos infantis” por tarefas úteis.

Com um ano e cinco meses, Heroard registra que o menino “toca violino e canta ao mesmo tempo”. Antes ele se contentava com os brinquedos habituais dos pequeninos, como o cavalo de pau, o cata-vento ou o pião. Com um ano e meio, porém, já lhe colocam um violino nas mãos: o violino ainda não era um instrumento nobre, era a rebecca que acompanhava as danças nas bodas e nas festas das aldeias. De toda forma, percebe-se a importância do canto e da música nessa época.

O autor cita como exemplo, o cavalo de pau, brinquedo comumente utilizado pelas crianças, reforçando, assim, a ideia de que estes brinquedos nasceram da necessidade de imitar o mundo adulto, já que o cavalo era um dos principais meios de transporte da época medieval.

Além dos brinquedos, existiam outros fatores perceptíveis para que as crianças fossem observadas como pequenos adultos. As roupas utilizadas, mostravam que em nada a criança se diferenciava do adulto. Apenas no século XVII, as crianças começaram a vestir-se de acordo com sua idade e distinguir-se em seus trajes.

A criança, por meio de pequenas mudanças em seu cotidiano, veio, conquistando sua identidade ao longo dos anos, tendo se intensificado com o advento do aprendizado escolar.

De acordo com Ariès (2014) a história da educação revela o progresso do sentimento de infância, onde começa a constatação de que a criança necessita de um ensino individualizado e específico para sua idade, segregando-a do mundo dos adultos. A mudança não veio de forma fácil e por muito tempo se identificou resquícios da educação do período medieval.

Na Idade Média, a educação contemplava não só crianças, mas adultos também. Não havia diferenciação entre o conteúdo ministrado, o importante é que o conteúdo proposto fosse ensinado, não levando em conta a faixa etária dos indivíduos. Portanto, o ensino não era direcionado de acordo com a necessidade de cada fase da vida.

[...] pois o que importava era a matéria ensinada, qualquer que fosse a idade dos alunos. Um adulto podia ouvir a leitura do livro de Donat no mesmo momento em que um menino precoce repetia o Organon: não havia nisso nada de estranho (ARIÈS, 2014, p.108).

Não haver a separação do ensino de acordo com a idade acarretava outras consequências para a vida infantil. Logo que entrava na escola, a criança era inserida no mundo dos adultos, afetando seu cognitivo, afetivo e social.

Ao fim da Idade Média, foi percebendo-se que era necessário separar as crianças do mundo adulto. Prioritariamente, sentiu-se a necessidade de distinguir os alunos pequenos; logo depois, esse sentimento de separação alcançou também os alunos maiores.

Essa distinção veio da necessidade de se preservar a moralidade das crianças e dos jovens. Conforme expõe Ariès (2014), o colégio passou a ser uma instituição imprescindível para a sociedade. Separado por classes escolares, com uma disciplina rígida e um corpo docente separado para cada faixa etária, o colégio foi evoluindo e transformando, por via de consequência, os estudantes que ali frequentavam.

Durante a Idade Média, até o séc. XX, houve inúmeras alterações na concepção da infância e de seus cuidados. Mudanças relacionadas ao bem-estar infantil, à educação, à escola, aos costumes, às brincadeiras.... Sendo assim, pode-se dividir a infância em dois momentos no decorrer da história.

A primeira fase, se caracteriza pela ideia de infância curta, já que o alto índice de mortalidade infantil excluía essas crianças de um pensamento futuro, e suas

atividades eram voltadas para inseri-las, cada vez mais, no mundo dos adultos. No âmbito educacional, a educação era misturada e não se pensava em um ensino para cada faixa etária.

A segunda fase é marcada pela mudança na educação e nos colégios. Começa-se a pensar no sentimento da infância e no cuidado com a criança, levando em conta suas especificidades e particularidades e separando-a do mundo dos adultos. Para que isso começasse a ocorrer, foi necessário esperar até os séculos XV, XVI e XVII, onde os resquícios da concepção de infância da idade média começariam a desaparecer (ARIÈS, 2014).

Sendo assim, é importante que se entenda a trajetória da infância e suas nuances, a fim de compreendê-la como é vista e vivida nos dias de hoje. O entendimento adequado da infância em seus vários aspectos contribui para uma visão ampla do desenvolvimento infantil e aprendizagem, além de, permitir-nos visualizar o lugar que a criança ocupa atualmente na sociedade.

Deste modo, tendo a criança adquirido seu espaço, começam a surgir questionamentos acerca do desenvolvimento e aprendizagem infantil.

Como a criança aprende? Como esta responde aos estímulos externos? Como se desenvolve no decorrer das etapas essenciais à formação do indivíduo? Como a infância é vista hoje? Como o meio e o espaço influenciam diretamente no desenvolvimento infantil?

1.2 Infâncias

Hoje pode-se falar que não existe apenas uma infância, já que seu conceito perpassa diversos fatores, tanto sociais como econômicos. Definir infância se torna muito mais complexo, levando em consideração os diferentes espaços existentes no mundo e na sociedade atual. O ambiente, a família, as interações com o meio e os estímulos oferecidos, entre outros fatores, influenciam diretamente na definição de infância da contemporaneidade.

Buscamos entender e compreender os anseios infantis, as necessidades fisiológicas e emocionais da criança, a melhor forma de educar e a importância do afeto e do cuidado. Esta transformação ocorre da necessidade de garantir o espaço da criança na sociedade, sendo missão do adulto, tornar o ambiente em um espaço de desenvolvimento pleno e de felicidade. Porém, sabemos das realidades distintas

em que as crianças do mundo moderno crescem, assim como, dos diferentes estímulos e situações a que são expostas diariamente.

Deste modo, para começarmos a falar sobre infância nos tempos atuais, é necessário, prioritariamente, que se compreenda sua conceituação.

Segundo o dicionário Houaiss, infância é: “Período de vida humana desde o nascimento até à puberdade.”²

“Etimologicamente, a palavra “**infância**” tem origem no latim *infantia*, do verbo *fari* = falar, onde *fan* = falante e *in* constitui a negação do verbo. Portanto, *infans* refere-se ao indivíduo que ainda não é capaz de falar.”³

Importante, também, definir a criança sob o aspecto legal. Neste contexto, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei de 13 de julho 1990) veio como um marco histórico na propulsão dos direitos das crianças e adolescentes, lhes assegurando a integridade física, emocional e social até os 18 anos. De acordo com o estabelecido em seu Art.2º:

“Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”

Já a Base Nacional Comum Curricular (2016, p.32) define como criança:

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009)²⁹, em seu Artigo 4º, definem a criança como “sujeito histórico e de direitos, que interage, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (BRASIL, 2009): seres que, em suas ações e interações com os outros e com o mundo físico, constroem e se apropriam de conhecimentos.

Já Dolto (2007) traz um conceito mais amplo, apresentando a infância de uma forma subjetiva, em que a criança é um ser em processo de construção, influenciada por uma série de fatores que estimulam seu desenvolvimento.

É extremamente difícil falar da criança como de uma entidade abstrata pois só há casos particulares, e, em cada caso, cumpre considerar a natureza da criança, o meio em que vive, suas possibilidades próprias, e as que lhe são deixadas pela natureza dos pais, etc (DOLTO, 2007, p.57).

² Disponível em: <<https://houaiss.uol.com.br/pub/apps/www/v3-0/html/index.htm#0>>. Acesso em: 11 de abril de 2017.

³ Disponível em: <<https://www.significados.com.br/infancia/>>. Acesso em: 28 de junho de 2017.

Há inúmeras definições com diferentes pontos de vista sobre o que é infância. Porém, no mundo de hoje, sabe-se que é difícil conceituar um termo tão subjetivo. A infância muda conforme a classe econômica e social, com a cultura, além dos estímulos oferecidos no âmbito da família. Em síntese, cada criança traz em si diferentes histórias, experiências, vivências, que influenciam diretamente em sua formação integral.

Sendo assim, cabem as seguintes perguntas: como é viver a infância neste momento da história? Como a instituição escolar e uma educação de qualidade podem interferir diretamente no desenvolvimento infantil? Como oferecer educação de qualidade em um país com imensas desigualdades sociais? Responder essas perguntas significa compreender o lugar da infância hoje, entender a realidade das crianças brasileiras e as dificuldades causadas pela disparidade socioeconômica no Brasil e no mundo.

1.3 A infância nos dias de hoje

Atualmente a população infantil ocupa um espaço significativo na sociedade. Discute-se sobre infância, pesquisa-se sobre o tema e, cada vez mais, os olhares estão atentos às singularidades e peculiaridades desta fase da vida. Apesar de algumas visões antiquadas ainda permanecerem no senso comum, tratando a criança como “um indivíduo incapaz, passivo, que necessariamente precisa de alguém que faça algo por/para ela, um sujeito incompleto, imbuído da mais profunda inocência, ingenuidade e pureza. ” (REIS; ARAUJO, 2010, p.3), sabe-se que, diariamente, esta perspectiva vem se modificando, sendo a criança tratada como um ser plural, singular e cultural. Por isso, analisando os tempos atuais, é importante que se reflita sobre a educação destinada a esse público.

Compreende-se que com a obrigatoriedade do ensino, onde cada vez mais crianças estão em espaços educacionais e que, com a vida moderna, onde creches e berçários têm ocupado seu lugar na sociedade, as crianças têm sido inseridas precocemente em espaços pedagógicos e institucionais de ensino, sendo constantemente educadas e estimuladas por diferentes profissionais e métodos. Essas formas de educar e estimular, é que irão refletir em seu desenvolvimento global, interferindo no psicológico, físico e cognitivo, trazendo reflexos expressivos na formação de personalidade e caráter futuros.

Com a Constituição Federal de 1988, o atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a 6 anos de idade torna-se dever do Estado. Posteriormente, com a promulgação da LDB, em 1996, a Educação Infantil passa a ser parte integrante da Educação Básica, situando-se no mesmo patamar que o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. E a partir da modificação introduzida na LDB em 2006, que antecipou o acesso ao Ensino Fundamental para os 6 anos de idade, a Educação Infantil passa a atender a faixa etária de zero a 5 anos (Base Nacional Comum Curricular, 2016, p.31).

É notório que a educação infantil vem, continuamente, se modificando ao longo dos anos. Com leis que asseguram os direitos das crianças, com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação integrando a educação infantil ao Sistema de Ensino e com a obrigatoriedade da educação básica dos 4 aos 17 anos, conforme preconizado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2016), podemos experimentar avanços reais na formação intelectual da criança.

Em decorrência, pensa-se em um ensino que contemple o desenvolvimento integral da criança, identificando a criança como um ser integral e cultural, onde a educação deve ser subjetiva, tendo como prioridade o lúdico, o social e o estímulo do cognitivo.

Essa etapa da vida se caracteriza por ser muito singular, onde a criança tem uma forma diferenciada de ver e se relacionar com o mundo. Os conhecimentos são adquiridos e internalizados através da sua relação com o meio e os indivíduos. Compreender a realidade desse ser, o seu ambiente de convívio, suas limitações e potencialidades contribuem, significativamente, para um processo eficaz de aprendizagem. Esta fase da vida infantil requer uma educação diferenciada, não se limitando apenas a transmissão de conteúdos e ao aspecto cognitivo. O brincar, a imaginação, trabalhar a coordenação motora e o sistema motor fino são aspectos centrais na educação infantil, que estimulam o desenvolvimento da linguagem, da cultura, da fala e do físico.

Desta forma, o BNCC (2016, p.33) estabelece:

Ainda de acordo com as DCNEI, em seu Artigo 9º, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são as interações e as brincadeiras, experiências por meio das quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

Nota-se que em vários documentos, ao abordarem a educação infantil, a brincadeira é vista como eixo central desta etapa formativa. O brincar estimula a curiosidade, a descoberta, exprime as vontades e os desejos, trabalha o imaginário e as limitações. São várias as vantagens, porém, comumente, em espaços educacionais, o brincar é amparado por uma intencionalidade pedagógica. As atividades e as brincadeiras são direcionadas com o intuito de um objetivo final e de competências a serem desenvolvidas. Tanto o brincar livre, como o brincar buscando a intencionalidade trazem benefícios incontáveis para a vida infantil.

A brincadeira, além de tudo, exprime a realidade da criança. O brincar está intimamente ligado à realidade em que esta vive. Questiona-se então, como é o brincar para crianças que têm sua infância prejudicada pela situação social e econômica. Sabemos que no Brasil, o índice de trabalho infantil ainda é alto e que muitas crianças vivem em condições de miséria e pobreza, sendo, muitas vezes, privadas de afeto e estímulos necessários para crescer saudavelmente. Além disso, ainda contamos, segundo os Micro dados do Censo Demográfico 2010 (IBGE), com mais de 3,8 milhões de crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos de idade fora das escolas no Brasil.⁴

Dado preocupante, levando em conta que essas crianças, muitas vezes, estão na rua e sem perspectiva, estando expostas, constantemente, a situações de vulnerabilidade e correndo riscos diversos, privando-as dos seus direitos e de desenvolver suas potencialidades. Deste modo, o brincar, a imaginação, o aprendizado e as descobertas da fase infantil ficam comprometidas.

O Brasil, um país ainda em desenvolvimento, enfrenta inúmeros problemas sociais e econômicos acometidos pela miséria, pobreza e violência, sendo as crianças e os adolescentes os que ficam mais expostos a abusos e discriminações.

O trabalho infantil, apesar de ter recuado nos últimos tempos, ainda é um problema social preocupante. Segundo informações da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (PNAD) 2015, divulgadas na revista Exame, existem 2,7 milhões de crianças inseridas nesse quadro lamentável.

Inúmeros são os prejuízos decorrentes do trabalho infantil. Problemas à saúde física e emocional, abusos de diversos tipos, repetição do ciclo de pobreza, dificuldade de aprendizagem, entre outros. Compreende-se que o trabalho infantil,

⁴ Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/activities_26691.htm>. Acesso em 10 de maio de 2017.

muitas vezes, impossibilita a criança de estar na escola, não tirando apenas a sua saúde e integridade, mas também, o futuro e a esperança de uma vida melhor. Habitualmente, são trabalhos danosos, pesados, que impossibilitam a criança de conciliar com a vida escolar. Essas crianças e adolescentes têm sua infância perdida, comprometendo todo um desenvolvimento, que deveria ser acompanhado e amparado pela sociedade.

A infância percorreu um longo caminho, com avanços, retrocessos, quebra de paradigmas e com a mudança de um sentimento, em que a criança tem seu espaço no mundo. Desde a Idade Média até os dias atuais, a criança foi pouco a pouco conquistando seu lugar na sociedade. Com a globalização, o capitalismo selvagem, a desigualdade social, sabemos que ainda falta um extenso processo até chegarmos ao patamar ideal. Apesar de não estarmos nesse patamar, a criança veio adquirindo direitos e reconhecidas, em uma determinada extensão, suas singularidades e especificidades. Desde vestimentas, brincadeiras, até a educação, os avanços foram significativos para a melhora da vida infantil. Pensa-se, agora, em um ser completo e que precisa de estímulos, proteção e amparo para viver e se desenvolver.

Sendo assim, após todo esse processo histórico e descobertas, questiono-me como o brincar, o lúdico e a imaginação se constituem durante a infância, já que o brincar pode mudar “realidades” e auxiliar nas limitações.

2- O BRINCAR E O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A brincadeira encontra-se em todo lugar, desde o nascimento, os primeiros movimentos, conforme a criança vai se desenvolvendo, a brincadeira vai se sofisticando e apresentando novas faces e vertentes. Sendo assim, através de um olhar sociológico, onde o estágio obrigatório em uma comunidade periférica do Distrito Federal serviu como inspiração, este capítulo tem por objetivo compreender a importância do brincar e como esta atividade auxilia no desenvolvimento infantil, tendo o poder de transformar histórias e vidas.

2.1 O brincar

A brincadeira está inserida culturalmente na vida da criança, independente de classe social e formação familiar, parte seu cotidiano. Inicialmente, o brincar não vem acompanhado de uma intencionalidade de aprendizado, já que é um processo natural em que a criança busca o divertimento. Porém, esta prática é responsável por diversas habilidades e competências que a criança vai adquirindo com o tempo. Compreender a realidade que a cerca, desenvolver a autonomia, o potencial criativo, a liderança e se relacionar com o mundo, são algumas das vantagens que esta atividade proporciona. Sendo assim, a brincadeira apresenta-se como eixo central do desenvolvimento infantil, contribuindo para sua formação psíquica e física.

Sendo o brincar uma ação livre e espontânea da criança, à medida que a mesma vai crescendo e se desenvolvendo, a brincadeira evolui sendo vista e sentida de outras maneiras. Acredita-se que o desenvolvimento é uma consequência do aprendizado e, muitas vezes, o brincar é apenas uma atividade de distração ou divertimento. Porém, segundo Vygotsky (1984), o desenvolvimento é um pré-requisito para o aprendizado. A criança não se desenvolve pelo aprendizado e sim o contrário.

Processos como dedução, compreensão, evolução das noções de mundo, interpretação da causalidade física, o domínio das formas lógicas de pensamento e o domínio da lógica abstrata ocorrem todos por si mesmos, sem qualquer influência do aprendizado escolar (VYGOTSKY, 1984, p.90).

Nota-se então, a importância do brincar para a formação, já que o

aprendizado se inicia muito antes da vida escolar. A interação com o meio, com o mundo, com as pessoas e com os objetos propicia a progressão das habilidades necessárias à vida infantil.

Tendo o mundo se modernizado e a criança adquirido seu espaço na sociedade, a concepção de educação infantil vem se modificando a cada dia. Considerando a criança como um ser ativo em seu processo de aprendizagem, as brincadeiras, os materiais lúdicos e pedagógicos, tem sido comumente utilizados como recursos para a prática de funções específicas a serem trabalhadas na vida escolar.

As creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BNCC, 2016, p.32).

Neste contexto, hoje, a educação infantil, por meio da interação e socialização, utiliza a brincadeira como uma ferramenta primordial para a construção de novos conhecimentos. A interação durante o brincar mostra a afetividade, as frustrações, as limitações e a realidade da criança, além de trabalhar a liderança, cooperação e as regras de convivência e organização.

O brincar e a escola dificilmente estão em concordância. O planejamento e as práticas de aprendizagem não incluem o brincar espontâneo como uma tática ou um método de aprender. Não estimular essa espontaneidade no momento do brincar, pode vir a coibir a imaginação e a criatividade da criança.

Cabe, portanto, ao educador utilizar da brincadeira, não como uma forma de controle para a aprendizagem, mas sim trabalha-la com uma concepção liberal e espontânea. Uma das maiores dificuldades do profissional da educação refere-se a organizar o tempo e o espaço escolar para estimular a imaginação e a criatividade. Atividades direcionadas são importantes, mas não devemos esquecer de permitir que, durante o processo escolar, a criança possa brincar sem uma finalidade e um objetivo específico. Para que o professor se utilize da brincadeira como um processo

de aprendizagem, primeiramente este tem que aprender a brincar.

Os professores não estão ainda convencidos de que os jogos são fator de ativação e estruturação das relações humanas, contribuindo para o estabelecimento da comunicação dos alunos entre si e com os professores (BOMTEMPO, p. 4 e 5).

O professor, ao permitir um espaço que propicie a imaginação, o lúdico e o brincar em sua aula, está trabalhando:

- A compreensão de mundo;
- Atribuição de significados a ações e objetos;
- A representação de papéis, incentivando a imaginação ativa;
- A convivência e a socialização;
- O desenvolvimento do aspecto físico e emocional.

Sendo assim, trabalhando esses quesitos, a aprendizagem se tornará significativa e prazerosa. Inovar as práticas pedagógicas, trabalhar conforme as necessidades da criança e respeitar sua realidade propiciam um espaço de convivência agradável e próspero para o desenvolvimento sadio. O brincar pode entrar como uma estratégia educacional, garantindo os direitos essenciais à formação e permitindo inúmeros benefícios à vida infantil. Importante salientar que o uso de jogos e brinquedos são imprescindíveis como parte do processo da brincadeira. O lúdico deve ser inserido nas atividades, pois é de atividades recreativas que a criança aprende. Deste modo, questiona-se: como o brinquedo é parte do processo e como este pode contribuir para a formação infantil?

2.2 O papel do brinquedo

Para o bom uso do brinquedo é necessário que se compreenda a necessidade e o interesse da criança em usar aquele objeto. De nada adianta utilizar um brinquedo que não corresponda ao nível de maturidade em que a criança se encontre. O brinquedo, ao mesmo tempo que pode ser prazeroso, pode não significar nada. Como pontua Vygotsky (1984) a maturação das necessidades é um tópico fundamental na discussão do brinquedo e do brincar.

De acordo com Vygotsky (1984), o brinquedo, apesar de não ser a única atividade prazerosa para criança predominante na fase infantil, corrobora significativamente para o progresso do cognitivo, emocional e físico, ou sejam em

síntese, para o desenvolvimento desta.

O brinquedo está intimamente ligado ao imaginário infantil, ao utilizar-se do brinquedo, a criança, em fase pré-escolar, dispõe do imaginário para criar situações e realizar desejos inatingíveis (VYGOTSKY, 1984). Como por exemplo, uma criança que quer brincar de ser mãe, pode usufruir do brinquedo para criar situações hipotéticas. Esta, utiliza uma boneca e apresenta um comportamento materno que satisfaça seu desejo de ser mãe naquele momento, criando suas próprias regras e recorrendo ao imaginário para dar sentido à boneca.

No início da idade pré-escolar, quando surgem os desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos ou esquecidos, e permanece ainda a característica do estágio precedente de uma tendência para a satisfação imediata desses desejos, o comportamento da criança muda. Para resolver essa tensão, a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo (VYGOTSKY, 1984, p. 106).

Sendo assim, Vygotsky (1984) coloca como principais aspectos do brinquedo e do brincar, as regras e o imaginário. O imaginário vai se desenvolvendo à medida que a criança vai crescendo. Um brinquedo que interessa para um bebê não vai ser o mesmo, cuja criança em idade pré-escolar irá se interessar. As fases de vida são diferentes e a relação o brinquedo e com o brincar acontece de forma distinta. Já as regras presentes na atividade do brincar não são impostas, as crianças as criam, estimulando o desenvolvimento cognitivo e a subjetividade no trato com o brincar. Esses dois aspectos, na concepção de Vygotsky (1984), representam um marco na evolução do brinquedo.

2.2.1 O brincar e o brinquedo nos diferentes contextos sociais

Para se compreender a real importância do brincar, é só observar a criança em um momento de brincadeira. Pode-se perceber como o universo do brincar é amplo e pode levar a criança para diversos lugares e experiências.

A imaginação, o lúdico e o subjetivo está presente na vida infantil, independente de classe social e familiar. Naturalmente, a criança se aproxima de sua realidade, por meio de brincadeiras. Durante a observação na Casa de Paternidade, em uma comunidade carente do DF, pude perceber a importância do brincar espontâneo para a mudança de realidade e para o desenvolvimento de

crianças cercadas por um difícil panorama, em que muitas vezes é obrigada a amadurecer precocemente e tem sua infância perdida pelas mazelas da sociedade.

Família bem estruturada, condição financeira satisfatória, acesso a programas culturais, boas escolas, brinquedos e convívio com outras crianças são privilégios que não fazem parte do cotidiano de muitas crianças no Brasil e no mundo.

O capitalismo selvagem e a desigualdade social são fenômenos que afetam diretamente a vida de todos. As crianças que nascem em ambientes difíceis, tendo que lutar por sua vida diariamente, seja para fugir da fome ou para sobreviver às guerras, têm seus direitos, saúde e bem-estar prejudicados, afetando o crescimento, tanto físico como psíquico.

2.3 Crianças que vivem em situação de miséria no Brasil

Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (Constituição Federal, 1988).

De acordo com o princípio fundamental, Artigo 227 da Constituição Federal⁵, toda criança brasileira deveria ter acesso às necessidades básicas para se desenvolver saudavelmente. Legislações, normas e princípios não faltam, mas sabe-se que, na prática, a realidade é diferente. A pobreza e a miséria infringem esses direitos fundamentais dia após dia.

Sendo mais vulneráveis, já que estão em um período de formação importante em suas vidas, a população infantil e os adolescentes são os mais acometidos pelas sequelas da desigualdade social. Porém, os resultados são danosos e muitas vezes irreparáveis.

Devido à falta de oportunidade, e, muitas vezes, entregues ao desespero, crianças e jovens que lutam pelo seu sustento, costumam se envolver com atividades ilícitas. A privação decorrente da disparidade econômica e social, resulta

⁵ Disponível em: <https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_227_.asp>. Acesso em 10 de maio de 2017.

nitidamente na criminalidade. Estes são as principais vítimas nesse processo. O índice de adolescentes, cumprindo medidas sócio educativas e estando restritos a liberdade, são alarmantes. Além disso, a violência sexual, a gravidez em adolescentes e o trabalho infantil aparecem como resultado da pobreza e da miséria.

A infância é perdida e jovens são submetidos a situações de riscos que, por vezes, nem o adulto é capaz de lidar. Enfrentar todas essas questões, em um momento crucial para a sua formação, faz com que muitos jovens e crianças se percam, trazendo em seu futuro a herança da marginalização e da miséria.

Dados da Unicef mostram mais de 3 milhões de meninos e meninas fora das escolas (Pnad, 2013) e quase 1,7 milhão de crianças e adolescentes de 5 a 15 anos ainda trabalham no Brasil (Pnad 2014).⁶

Apesar de alguns avanços, os números são estarrecedores. O descaso do governo perante as imensas desigualdades sociais e o não cumprimento dos direitos previstos na constituição mostram como o Brasil ainda tem muito a evoluir. Políticas públicas efetivas nessa área específica, maior investimento na educação e garantir a permanência e o acesso da criança à escola são deveres do estado, que necessitam ser cumpridos.

O Brasil tem uma das legislações mais avançadas do mundo no que diz respeito à proteção da infância e da adolescência. No entanto, é necessário adotar políticas públicas capazes de combater e superar as desigualdades geográficas, sociais e étnicas do País e celebrar a riqueza de sua diversidade.⁷

Além disso, a indiferença para o trabalho infantil é algo preocupante. Diariamente, vemos nas ruas crianças e jovens se expondo a diversos riscos causados por este tipo de atividade. Como já é algo comum em nossa sociedade e presente no nosso cotidiano, não costuma causar espanto. Tanto para o governo, como para a população, ver uma criança na rua e fora da escola é algo habitual de uma sociedade com significativa disparidade social e econômica. Infelizmente, nada se faz para reduzir esse problema sistêmico.

O brincar, o afeto e o cuidado, são praticamente inexistentes nesse contexto de pobreza. A criança fica sem referencial e entregue a um mundo cruel.

⁶ Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/pt/activities.html>>. Acesso em 11 de maio de 2017

⁷ Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/pt/activities.html>>. Acesso em 11 de maio de 2017.

Sem referência e sem educação, o caminho para suprir as necessidades básicas, como: fome, frio, moradia, segurança e saúde acaba sendo o mais árduo e difícil. São poucos os que conseguem fugir de drogas e outras atividades ilícitas. Os entorpecentes vêm como uma válvula de escape de uma vida sem perspectiva e sem sentido, e acaba por dominar o jovem, que se perde em uma trajetória, muitas vezes, sem volta.

É necessário um olhar mais atento e cuidadoso a essas questões, para que se estabeleçam políticas e projetos que venham com o intuito de minimizar as consequências causadas pelas mazelas da sociedade. Crianças e adolescentes são seres em formação que necessitam do amparo do estado e da sociedade civil para seu desenvolvimento integral, a fim de propiciar-lhes um futuro de esperança e vida melhor.

2.4 Crianças que vivem em situações de guerra e conflitos

No lugar de brincar, campos minados; no lugar do brinquedo, armas e bombas; e no lugar no aconchego do lar, a busca constante pela sobrevivência. Esses são apenas alguns problemas que aterrorizam crianças vivendo em zonas de conflito e situações de guerra.

Hoje, segundo dados na Unicef, aproximadamente 535 milhões de crianças, uma de cada quatro no mundo, vivem em países em conflito, sem proteção, sem acesso à saúde e educação de qualidade e com problemas de nutrição.⁸

Sendo as maiores vítimas das guerras por serem mais frágeis, as crianças que habitam as zonas de conflito têm seu cotidiano marcado pelo tráfico de armas e de drogas, mortes, estupro, trabalho escravo, perda de entes queridos, problemas de saúde, mutilações e muito sofrimento. Onde a maior luta é a sobrevivência diária, todo o resto não tem importância e se encontra em segundo plano. A educação é interrompida, as relações familiares são fragilizadas e os momentos da vida infantil são perdidos num mar de dor e sangue.

Crianças vivendo em países afetados por conflitos perderam suas casas, familiares, amigos, sua segurança e sua rotina. Agora,

⁸ Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/uma-de-cada-quatro-criancas-vive-em-paises-em-conflito-diz-unicef.ghtml>> Acesso em 11 de maio de 2017

incapazes de aprender até mesmo habilidades básicas de escrita e leitura, elas correm o risco de perder seu futuro e a oportunidade de contribuir para a sociedade e para a economia de seus países quando se tornarem adultas", (Jo Bourne, chefe do programa de Educação do UNICEF) ⁹

A estrutura psíquica do ser humano não tem suporte para lidar com tantas situações de horror, e em uma criança, cuja personalidade está em processo de formação, esses episódios inomináveis se tornam ainda mais traumatizantes. As consequências do pós-guerra, para aqueles que conseguem sobreviver, são muitas vezes, irreparáveis. Depressão, insônia e a perda de identidade, são apenas alguns sintomas decorrentes de guerras e conflitos. ¹⁰

Por razões ideológicas, territoriais, religiosas ou financeiras, guerras e conflitos eclodem constantemente no mundo. O homem com sua ganância e recorrente busca pelo poder, coloca seres frágeis, que necessitam de proteção, para servirem de escudos e soldados em batalhas, cujas quais, as chances de sobrevivência para a criança são mínimas. Trazendo esse contexto para a atualidade, pode-se citar como exemplo, a Guerra Civil da Síria, que já matou cerca de 15.000 crianças. ¹¹

Enquanto o dinheiro, o poder e a religião estiverem acima dos direitos infantis e dos direitos humanos, apesar de todo o desenvolvimento científico e tecnológico, a humanidade continuará vivendo reflexos dos horrores da guerra como se estivéssemos na Idade Média. De nada adianta a modernidade, se os princípios e os valores não avançam juntamente com a sociedade. Enquanto a ganância, o radicalismo religioso e o poder estiverem acima da valorização da vida, esses problemas globais continuarão a existir e mais crianças irão ter que lutar pela sobrevivência de maneira desumana, levando traumas físicos e emocionais para o resto de suas existências.

2.4.1 A infância nessas realidades

Diante de todos esses contextos de sofrimento e dor, grades e muros

⁹ Disponível em: < https://www.unicef.org/brazil/pt/media_32085.html > Acesso em 20 de maio de 2017.

¹⁰ Disponível em: <http://pre.univesp.br/criancas-na-guerra#.WUb7VGjyvlU>. Acesso em 22 de maio de 2017.

¹¹ Disponível em: <<http://istoe.com.br/criancas-o-simbolo-das-vitimas-da-guerra-na-siria/>> Acesso em 22 de maio de 2017.

invisíveis são erguidos diante do brincar e da infância. Crianças perdidas e jovens ao relento mostram a realidade de um mundo injusto e de uma sociedade desigual, em que poucos detêm muito, e os desfavorecidos economicamente sofrem as consequências de uma vida travada por lutas diárias.

Mas onde há vida, há esperança. Sem o auxílio necessário do Estado, em diversas ocasiões, essas crianças e jovens são amparados por organizações não governamentais (ONGS), projetos sociais e por voluntários, que se prontificam a ajudar, visando atender as necessidades básicas e as carências afetivas dessa população. O trabalho voluntário aparece como uma tábua de salvação na vida de muitos. Sem esperar uma compensação financeira, o voluntário utiliza de suas habilidades para melhorar e mudar a vida dos menos favorecidos, corroborando para um mundo mais digno e justo.

Deste modo, neste próximo capítulo, descrevo como o estágio que fiz em uma área em condições socioeconômicas desfavoráveis do Distrito Federal, mudou, não só minha percepção de mundo, mas fez com que eu enxergasse como a infância se constitui em todos os lugares, mesmo naqueles cercados por violência, criminalidade e educação precária.

Além disso, o estágio mostrou-me como o trabalho da própria comunidade pode alterar a realidade e a perspectiva de vida de uma população que nada tem em termos regulares e governamentais. Em um espaço de educação informal, o Centro de Desenvolvimento da Criança aparece como um ambiente de convivência cercado por amor, respeito e cuidado.

3- O CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA (CDC) OU CASA DE PATERNIDADE.

3.1 A comunidade

Santa Luzia é uma comunidade nascida de uma invasão na década de 1990, nunca regularizada. A favela, termo usado pelos moradores para descrever o local, vem se ampliando e crescendo a cada ano. Localizada no entorno do Lixão da Estrutural, a comunidade é marcada pelo descaso do governo, pela pobreza e violência. Considerando que apenas uma avenida a separa da cidade Estrutural, os moradores enfrentam diariamente as consequências de viverem próximo até bem pouco tempo, do maior depósito de detritos em atividade da América Latina¹². Caracterizada por ser alheia aos benefícios do Estado, Santa Luzia é esquecida por grande parte da sociedade, mas para quem lá vive, sabe que as dificuldades marcadas pela falta de estrutura são lembradas dia após dia.

A 17 km da Praça dos Três Poderes, área nobre do Distrito Federal (DF), os moradores de Santa Luzia vivem em condições precárias. Sem água potável, esgoto e energia, os chamados “gatos” prevalecem na região. Além disso, é possível ver que o lixo está em todo lugar, e sem uma coleta diária, o lixo fica literalmente jogado pelas ruas. Em época de chuvas, o chorume proveniente do lixo se mistura com a água e invade as casas.¹³ Essas são barracos simples, construídos de madeira ou alvenaria.

Além dos problemas estruturais, a violência e o trabalho infantil imperam na localidade. Quando se pesquisa sobre Santa Luzia, praticamente não são encontrados dados ou informações, mas sim notícias relativas a homicídios, assaltos, exploração infantil e a falta de saneamento básico.

3.2 O lixão da Estrutural.

Por 60 anos o Lixão funcionou na Estrutural. A promessa de desativação desde 2011, vai se concretizar totalmente agora em 2017 devido as condições

¹² Disponível em: < <http://noticias.r7.com/distrito-federal/a-20-km-do-palacio-do-planalto-favela-com-12-mil-familias-brota-do-maior-lixao-da-america-latina-08082015>> Acesso em 25 de maio de 2017

¹³ Disponível em: < <http://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1636204-favela-com-12-mil-pessoas-cresce-a-17-km-do-palacio-do-planalto.shtml>> Acesso em 25 de maio de 2017

insalubres de trabalho e ao problema ambiental que o descarte de lixo tóxico vem causando. O governo anuncia que até, no máximo, outubro, o Lixão será desativado em caráter definitivo. O processo de mudança do lixão para Samambaia (cidade satélite do DF) já está acontecendo desde janeiro desse ano.¹⁴

O Lixão da Estrutural conta com o trabalho de inúmeras mulheres, homens, crianças e idosos como catadores de lixo. Com uma renda mensal irrisória e um serviço sob condições precárias, esses catadores, dependem do lixo para sobreviver. Muitos sem um trabalho formal há anos, sentem que, junto com o lixo descartado, perderam sua identidade e não se consideram aptos a serem inseridos no mercado de trabalho. O governo do Distrito Federal promete que os catadores serão transferidos para galpões equipados, além do Aterro Sanitário de Samambaia - cidade satélite do DF-, mas sabemos que muitas promessas governamentais não são cumpridas ou demoram demasiadamente a serem implementadas. Sendo assim, a preocupação é: onde e como esses catadores ficarão após a desativação do lixão?

Resultante da miséria e da pobreza, o índice de violência no local é altíssimo. Com milhares de pessoas desempregadas e sem os poucos recursos que os catadores de lixo auferem para o sustento de suas famílias, existe o temor que o tráfico de drogas e outros trabalhos informais aumentem, provocando ainda mais instabilidade social e econômica.

Figura 1 - Fumaça e lixo em Santa Luzia.



Fonte: Elaborada pelo autor.

¹⁴ Disponível em: <

http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/05/10/interna_cidadesdf,594010/lixao-da-estrutural-vai-fechar-as-portas-em-agosto-deste-ano.shtml> Acesso em 26 de maio de 2017.

3.3 As crianças que vivem na região

No lugar do aprendizado, das brincadeiras, do lúdico, do afeto e do cuidado, muitas crianças que residem em Santa Luzia estão às margens das mazelas da pobreza e da miséria. Se os problemas sociais respigam diretamente na vida do adulto, as consequências na vida infantil são desastrosas. Crianças fora da escola, estrutura familiar desequilibrada e trabalho infantil são alguns dos infortúnios que essas crianças precisam enfrentar.

Observa-se, portanto que o trabalho infantil na região é um problema sistêmico, na maioria das vezes passado de geração em geração.

Quando a criança é responsável por uma parte significativa da renda familiar, há uma inversão de papéis, o que pode dificultar a inserção dela em outros grupos sociais da mesma faixa etária, porque os assuntos e responsabilidades vão além da idade adequada. 15

Diariamente, expostas à violência, assédio sexual e esforço físico intenso, as crianças se tornam extremamente vulneráveis, prejudicando seu aprendizado e desenvolvimento. Difícil de conciliar, já que o trabalho exige um esforço físico demasiado, a escola é deixada em segundo plano, não sendo prioridade na vida da criança.

A prática do trabalho é comum na região, o governo diz que existe fiscalização, mas nota-se que não há nenhum projeto efetivo para minimizar ou corrigir essa questão. Desta forma, as crianças continuam expostas a este tipo de violência física e moral, o que compromete seu futuro, além de causar danos irreversíveis ao seu desenvolvimento.

Invisível aos olhos do governo, a ajuda que a população recebe é proveniente de ações humanitárias. Seja da igreja, de ONGS ou de voluntários, estes se colocam à disposição da comunidade com a finalidade de suprir os anseios da população e suas necessidades básicas.

¹⁵ Disponível em: <<http://www.chegadetrabalho infantil.org.br/trabalho-infantil/consequencias/>> Acesso em 26 de maio de 2017.

3.4 O Centro de Desenvolvimento da Criança (CDC)

Se, na verdade, não estou no mundo para simplesmente a ele me adaptar, mas para transformá-lo; se não é possível mudá-lo sem um certo sonho ou projeto de mundo, devo usar toda possibilidade que tenha para não apenas falar de minha utopia, mas participar de práticas com ela coerentes (Paulo Freire).

A casa de Paternidade ou Centro de Desenvolvimento da Criança (CDC) surge com o objetivo de abrigar, cuidar e educar as crianças da região. Tendo a necessidade de trabalhar o dia inteiro, muitas mães não tinham onde deixar seus filhos. Sendo assim, o CDC surge como um espaço de convivência infantil, onde crianças que ficavam a mercê da sociedade, hoje tem um lugar de amor e escuta.

O espaço é administrado e cuidado pelas mães da região, com auxílio de grupos que se prontificam a ajudar. Elas têm a função de cuidar das crianças, organizar o espaço e preparar a alimentação. O CDC conta com as doações de pessoas de fora e dentro da comunidade, tanto para alimentação, roupas e brinquedos.

Localizado no coração de Santa Luzia, o espaço é pequeno, mas bem dividido. Tudo limpo e organizado, as crianças têm livros, brinquedos, berço para soneca, parquinho, cozinha e banheiro. Hoje o CDC atende 30 crianças de 8 meses a 5 anos e funciona em período integral de 06h00 às 19h00 horas¹⁶.

Durante meu estágio, pude notar que, além do CDC ser de extrema importância para as crianças, tem um papel fundamental na vida das mães que ali trabalham. Muitas com uma vida difícil, trazendo em seus discursos relatos de violência doméstica, histórico de drogas e pobreza, encontraram na Casa de Paternidade um trabalho e um espaço de escuta. Elas relatam como o CDC teve influência da mudança de vida de muitas. Essas sentiram-se mais seguras e donas de suas histórias. A perspectiva de um trabalho em conjunto, criou laços de amizade entre elas, onde mutuamente se ajudam e oferecem apoio umas às outras.

Destarte, com o apoio dessas mães e de voluntários de dentro e fora da comunidade, o CDC foi crescendo e ganhando seu espaço. As pessoas na comunidade respeitam o local, pois sabem do bem que a Casa de Paternidade traz

¹⁶ Disponível em:< <https://www.casadepaternidade.org/>>. Acesso em 30 de maio de 2017.

para as crianças. Muitos o classificam como uma creche ou espaço de convivência, mas, acima de tudo, o CDC veio como um movimento pró-infância em que busca respeitar a dignidade e o direito das crianças.

Em 2015 o projeto de extensão “Diálogos com Experiências Educacionais Inovadoras – Autonomia –”, atuou diretamente na construção do CDC junto com a coordenação da Casa de Paternidade. Em 2016 as professoras Fátima Lucília Vidal Rodrigues (FE) e Regina Pedroza (IP) acompanharam a implantação e implementação do projeto Centro de Desenvolvimento da Infância. Em 2017 a coordenação do CDC e suas ações ficaram nas mãos da própria comunidade.

Porém, o Autonomia continuou recebendo a coordenação pedagógica nas reuniões do projeto, na UnB. Foi por meio do Projeto de Extensão, conhecido como “Projeto Autonomia”, que conheci a Casa de Paternidade. Este tem grande importância, já que estudantes e professores da Universidade de Brasília têm atuado constantemente no local, através do diálogo e de oficinas propostas, além de auxiliar as mães a elaborarem atividades para as crianças, organizarem a rotina e o recinto, oportunizando também momentos de escuta sensível, tentando solucionar conflitos e anseios que aparecem no cotidiano.

Figura 2 - O CDC



Fonte: Elaborada pelo autor

3.5 Entrevista

A entrevista feita com a coordenadora do CDC, no período em que estive lá, foi de grande valia para compreender a visão de uma pessoa que acompanhou o surgimento da Casa de Paternidade, seus avanços e dificuldades.

Sendo a entrevista um método de pesquisa comumente utilizado, possui diversas vantagens para se captar e interpretar questões que não foram observadas ou analisadas. Para Gil (2008, p.128) entrevista é:

Pode-se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Deste modo, o tipo de entrevista utilizada foi por Pautas. Segundo Gil (2008, p. 131):

As entrevistas por pautas são recomendadas sobretudo nas situações em que os respondentes não se sintam à vontade para responder a indagações formuladas com maior rigidez. Esta preferência por um desenvolvimento mais flexível da entrevista pode ser determinada pelas atitudes culturais dos respondentes ou pela própria natureza do tema investigado ou por outras razões.

Sendo assim, apesar de algumas perguntas serem estruturadas com o intuito de guiar a entrevista, a entrevistada ficou livre para desviar e complementar o assunto no momento que quisesse.

3.6 Entrevista na íntegra

Priscilla Santos* (nome fictício), coordenadora do projeto durante seis meses, cuidava da implementação de uma educação inovadora no espaço, além de ser uma das responsáveis pela organização e de representar o projeto em diversas reuniões e apresentações de colaboração. A entrevista com a personagem tem por fim complementar o ensaio, já que se trata de um importante registro para melhor compreensão do projeto para as crianças e para a comunidade.

A entrevista foi feita na Universidade de Brasília em janeiro de 2017. Segue o relato:

“O CDC surgiu de uma demanda, na verdade foi um projeto de um shopping de Brasília. Era uma promoção de um recurso que ia ser destinado para a construção de uma biblioteca em um espaço satélite de Brasília. E aí conseguimos ganhar essa premiação. Como já tínhamos encontros com as mães da comunidade, passamos para elas essa possibilidade da construção de uma biblioteca. Mas percebemos uma demanda muito grande de espaço para crianças. Muitas das mães, praticamente 80% delas trabalham no

Lixão e não tem espaço para deixar seus filhos. A partir daí, pensou-se na biblioteca com um espaço infantil, com uma visão muito ampla na questão da leitura implementada para eles e para as mães [...]

A Casa de Paternidade surgiu com um grupo de amigos pensando em um movimento social, com toda uma perspectiva de uma pessoa chamada Ana Carolina* (nome fictício), que viu no noticiário uma mãe da comunidade que foi assassinada na Estrutural - local em que se encontra o projeto. Desse vínculo com essa família - família da mãe assassinada - surgiu a oportunidade de tirar todos desse espaço de risco e estrutura-la novamente. Esse espaço passou a ficar vago para diversas atividades, e foi utilizado durante 4 anos, principalmente nos finais de semana. Foi desta forma que começou o funcionamento da Casa de Paternidade; cinco anos ativando essa questão de colaboração, como um espaço de escuta para atender as demandas da comunidade, estando muito atenta no que as crianças precisavam.

A casa de Paternidade tem um olhar para a realidade da criança. Leva-se em conta toda uma construção de que a criança é um ser humano. Acho que essa é a base de toda a ideologia do projeto. Não enxergamos aquelas crianças como seres de pouco conhecimento, mas que tem suas limitações, assim como nós adultos. Entender as expressões da criança através do olhar, da fala e dos movimentos é a nossa prioridade.

É um lugar de muito respeito, sempre tentamos desenvolver um diálogo, enfatizando o cuidado com o corpo, com a higiene e ressaltando a importância do brincar. ”

4 – ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA VIVIDA

A análise foi feita por meio do diário de campo, construído durante o estágio obrigatório na Casa de Paternidade. Durante os seis meses de observação, três fatores chamaram a minha atenção:

- A Configuração do espaço;
- Como se configura o brincar dentro de uma comunidade com inúmeras situações desfavoráveis, sociais e econômicas;
- Como o Centro de Desenvolvimento da Criança ajudou não só as crianças, como as mães da região.

O espaço

Aos olhos de quem não está acostumado, a realidade da Estrutural pode parecer assustadora. Mesmo diante de tantos problemas sociais e estruturais como a falta de saneamento, ruas não asfaltadas e pobreza extrema, existe um espaço de esperança e amor. O caminho é de difícil acesso. Ao entrar na comunidade, notam-se os empecilhos para chegar à Casa de Paternidade: Ruas esburacas, falta de organização, muitos animais de rua e crianças andando em meio ao trânsito, são apenas alguns dos fatores que fazem com que a falta de estrutura seja de imediato percebida.

Figura 3 - Ruas alagadas perto do CDC



Fonte: Elaborada pelo autor

Em um pequeno espaço, localizado em uma rua estreita, se situa a Casa de Paternidade. O local é aconchegante, e, em meio a um cenário marrom e cinza de uma paisagem contaminada por lixo e poluição, as cores quentes do CDC tornam o ambiente acolhedor.

O brincar

Os materiais, brinquedos, alimentação e roupas, são provenientes de doações. Uma estante de livros é a primeira coisa que se percebe ao entrar na Casa de Paternidade. O incentivo à leitura é constante, e mesmo que muitas crianças sejam pequenas demais para ler e escrever, o contato com o livro já cria intimidade para futuramente se criar o hábito da leitura.

Durante minhas visitas, contei histórias, li livros e tive a total atenção de todos eles, que amavam me ouvir. Histórias que os transportavam para outras realidades e para novas perspectivas. Recordo-me que ao fim da história contada, algumas crianças encarnavam o personagem e sentiam que podiam ir além.

A “contação” de histórias durante a educação infantil propicia uma série de benefícios pedagógicos para o desenvolvimento da linguagem e da escrita. O incentivo à leitura estimula a criatividade, imaginação, oralidade, além de explorar diferentes culturas e realidades através de um mundo imaginário. As habilidades linguísticas, se desenvolvem através da escuta atenta, sendo de suma importância para a o aprendizado efetivo da língua materna.

Além dos fatores já expostos, a leitura nesse contexto, mostra que há novas possibilidades e caminhos a serem trilhados. Aquela realidade marcada por sofrimento e dificuldades pode ser mudada em decorrência do esforço e da persistência de cada um.

Em meio à simplicidade, em que não se vê itens de luxo, as crianças têm um espaço para brincar e conviver. A rotina é organizada pelas mães da casa e, com o auxílio do Projeto “Autonomia”, há um planejamento a ser seguido. Nos períodos em que estive observando, durante as manhãs, o brincar espontâneo imperava no local. Sem atividades direcionadas, as crianças tinham o momento de brincar em um parquinho no fundo da casa, quando outros ficavam do lado de dentro lendo livros e brincando de outras coisas.

A realidade dessas crianças afeta diretamente as brincadeiras. Em um primeiro momento de observação, notei em algumas crianças a agressividade, possivelmente em decorrência da vida que levam. Observei no comportamento de alguns meninos mais velhos, brincadeiras que imitam o cotidiano daquela realidade. Alguns simulando que seguravam, com suas mãos, armas; que matavam bandidos; e que, em seus discursos, gostariam de ser policiais.

Pude perceber também que as brincadeiras, habitualmente, acabavam em conflitos. As crianças mais velhas, com um conhecimento de mundo perspicaz e representando o que escutam e vivem em seu dia a dia, já utilizavam em seu vocabulário xingamentos e palavrões. Socos e chutes também eram recorrentes no momento do brincar.

Nessas horas eu tentava mediar a situação propondo novas formas de se relacionar e solucionando os conflitos através do diálogo. Notei que qualquer material novo é um campo de possibilidades e que, para prender a atenção dessas crianças objetivando o desenvolvimento e o aprendizado precisamos estar constantemente nos reinventando.

Em um episódio específico, levei para eles um bloco de papel criativo e giz de cera para eles brincarem. Achei que desenhar em papéis coloridos seria interessante, e que a atividade seria dinâmica e construtiva, mas eles não demonstraram interesse. Fiquei frustrada e pensando o que poderia fazer. Decidi fazer barcos e aviões de papel e eles amaram, brincaram a manhã toda. Se imaginaram pilotos, marinheiros, jogavam o avião, corriam segurando barquinho, tornando uma simples dobradura em uma experiência enriquecedora. Então, atividades que têm o objetivo de entreter, relaxar e distrair se tornam atividades pedagógicas em que a coordenação motora, noção espacial e a interação com os colegas, podem ser trabalhadas.

As crianças pequenas demandam a atenção de uma outra forma: O afeto é a

necessidade principal. Carinho e cuidado são atenções essenciais na relação com os menores.

Logo que cheguei, sem que eles nem me conhecessem, fui recebida com beijos, abraços e carinho no cabelo. Talvez pela realidade do lugar e da situação, elas estejam mais abertas para receber e agregar as pessoas que ali chegam para ajudar. Sendo assim, retribuí todo carinho e afeto demonstrado, pois sei da importância da relação afetiva entre professor – aluno para o desenvolvimento e processo de aprendizagem.

A Casa de Paternidade tem por característica ser um espaço de educação não formal, já que não é uma escola com conteúdo previamente estabelecido e sim um espaço que busca cuidar e educar às crianças, de acordo com a realidade e contexto do local. Dessa maneira, como a aprendizagem está em todos os espaços, sejam eles formais ou não, me empenhei para contribuir com o processo de ensino-aprendizagem ao máximo, respeitando seus limites, e buscando não interferir nos seus costumes ou nas regras locais.

As mães da comunidade

A contribuição do CDC para a comunidade alcança, não só as crianças, mas também as mães do local. Antes, sem ocupação ou trabalhando no lixão, essas mães encontraram uma nova forma de viver. Tive a oportunidade de conversar com algumas das mães que relataram em seus discursos um cotidiano de violência doméstica, ameaças e histórico de drogas.

A vida dessas mulheres é marcada por dor e sofrimento. Por serem consideradas “sexo frágil”, a mulher em comunidades carentes, com baixo índice de escolaridade, em que o machismo impera, são comumente subjugadas e vítimas de agressão verbal e física.

Os números ainda são alarmantes. De acordo com reportagem publicada pela revista Exame, a realidade das mulheres brasileiras ainda é marcada pela discriminação e violência. Números mostram que 22% das mulheres brasileiras sofrem algum tipo de ofensa, sendo um total de 12 milhões. Além desses dados, 10% das mulheres sofrem ameaças de violência física; 8% sofrem ofensas sexuais; 4% já receberam ameaças com faca ou arma de fogo e ainda 1,4 milhões de

mulheres já foram espancadas ou sofreram tentativas de estrangulamento.¹⁷

Em regiões periféricas este tipo de violência é rotineira. Essas mulheres convivem com ofensas, violência física, abuso sexual - na maioria das vezes - sem denunciar, pois temem pelas suas vidas, já que sofrem ameaças diárias de seus parceiros. “A pesquisa mostrou que, entre as mulheres que sofreram violência, 52% se calaram. Apenas 11% procuraram uma delegacia da mulher e 13% preferiram o auxílio da família.”¹⁸

Deste modo, o CDC vem como um espaço de diálogo, apoio e informação para essas mães. Além de ser um espaço de convivência infantil, a Casa de Paternidade é utilizada como um ambiente de escuta sensível, que busca ouvir, orientar e ajudar. O trabalho destinado à essas mães, provoca, além da satisfação pessoal de ter uma ocupação, a recuperação da autoestima, da autonomia e até mesmo da reestruturação familiar.

Devido a intensa demanda de famílias que buscaram o CDC para deixar seus filhos, algumas mães saíram da Casa de Paternidade e abriram um novo espaço de convivência, para receber mais crianças. Sendo assim, mostrando que podem caminhar com as próprias pernas, essas mães se ajudam e contribuem para melhorar dia após a dia a comunidade onde vivem.

Este período de observação e intervenção na Casa de Paternidade foi uma experiência enriquecedora; acredito que não só para mim, mas também para as crianças. Viver outras realidades, contribuir para o aprendizado de meninos e meninas que são invisíveis perante a sociedade, fez com que eu percebesse o poder de ação de cada um, e como podemos influenciar e contribuir de diversas maneiras para os mais necessitados.

Em contrapartida, essas crianças me ensinaram a paciência, o amor, a reciprocidade e a doação em todos os sentidos.

¹⁷ Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/> > Acesso em 2 junho de 2017.

¹⁸ Disponível em: < <http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/> > Acesso em 2 junho de 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A necessidade de se pesquisar sobre infância e sobre o brincar em diferentes contextos sociais e econômicos, surgiu da experiência de trabalhar com crianças em situações desfavorecidas.

A observação de campo suscitou o resultado deste ensaio, em que busquei explicar a história da infância, dando ênfase em seus retrocessos e avanços. Tendo como base as perguntas que nortearam este trabalho:

- Como o brincar e o brinquedo corroboram para o desenvolvimento de potencialidades necessários à formação?
- Como o meio influencia no brincar?
- Como a infância se constitui em diferentes espaços sociais e econômicos?

Pude aferir com o desenvolvimento do presente estudo que, apesar de avanços na área infantil, ainda não alcançamos o patamar ideal para proporcionar bem-estar e atender às necessidades singulares desta fase da vida de todas as crianças.

Antes consideradas como pequenos adultos, as crianças não possuíam uma identidade e não se pensava na infância como uma fase singular. Cheia de especificidades e diferentes demandas, no decorrer do tempo, foi-se estudando e pesquisando sobre as peculiaridades da vida infantil, fazendo com que, aos poucos, ela fosse adquirindo seu espaço na sociedade como um ser de direitos.

Ao notar a criança, não como um pequeno adulto, mas como um ser que necessita de atenção e cuidado, o brincar, sendo esta uma atividade natural da vida infantil, aparece como aspecto primordial para o seu desenvolvimento e consequentemente para a sua aprendizagem. A criatividade, a imaginação, o lúdico e o desenvolvimento sensório-motor, são um dos benefícios que a brincadeira proporciona e isso pode ser constatado, cotidianamente, no CDC.

Em consonância com o brincar, o brinquedo é outro fator importante a ser discutido. Desde que utilizado de forma coerente, nota-se a relevância do mesmo como estratégia de aprendizagem livre e dirigida, já que a criança assimila com maior facilidade os conhecimentos por meio do lúdico e da interação social. Os livros, os aviões e os barcos de papel são exemplos disso.

Porém, meninos e meninas que crescem em contextos difíceis, são privados de todos esses estímulos, tendo que crescer e amadurecer em um processo de privações, dor e sofrimento. O brincar, o lúdico e o cuidado, são esquecidos juntamente com os direitos dessas crianças.

Ainda com imensas desigualdades sociais, o Brasil e o mundo vivem o reflexo de uma sociedade injusta, em que muitas de nossas crianças pagam o preço pela ganância dos adultos. Apesar de todas essas mazelas, há pessoas que se prontificam a ajudar e fazem sua parte, mudando realidades e proporcionando esperança de uma vida e futuro melhores.

A experiência em escrever este ensaio, a partir do estágio obrigatório na Estrutural, me foi de grande valia, tanto para o âmbito pessoal como profissional. Compreender a infância em diversos aspectos e contextos, mudou minha visão de mundo, suscitando em mim um sentimento de solidariedade e fazendo com que eu percebesse que a função da Pedagoga vai além das paredes da sala de aula.

PARTE 3. PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Finalizar este trabalho conclui meu processo de formação em Pedagogia. Continuarei, constantemente, aprimorando-me com a finalidade de adquirir novos conhecimentos e poder atuar em minha área com competência e sabedoria.

Diante disto, tenho como projeto, iniciar uma pós-graduação em Psicopedagogia Clínica, tema em que mais me identifiquei durante o processo de graduação. Além disso, pretendo continuar na vida acadêmica, com o intuito de fazer mestrado e, por conseguinte, um doutorado.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, T. 2,7 milhões. Esse é o número de crianças que trabalham no Brasil. **Exame**, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/27-milhoes-esse-e-o-numero-de-criancas-que-trabalham-no-brasil/>>. Acesso em: 19 mai. 2017.

AFP. Crianças, o símbolo das vítimas da guerra na Síria. **ISTOÉ**, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://istoe.com.br/criancas-o-simbolo-das-vitimas-da-guerra-na-siria/>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

AGENCIA EFE. Uma de cada quatro crianças vive em países em conflito, diz Unicef. **G1**, São Paulo, 9 dez. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/uma-de-cada-quatro-criancas-vive-em-paises-em-conflito-diz-unicef.ghtml>>. Acesso em: 11 mai. 2017.

ARAÚJO, R. M.; REIS, C. O ECA e a educação: a criança e a infância nos caminhos do direito brasileiro. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2., 2010, Cascavel. **Anais...** Cascavel: Unioeste, 2010. p. 1-15. Disponível em: <<http://cac.php.unioeste.br/eventos/iisimposioeducacao/anais/trabalhos/259.pdf>>. Acesso em: 15 de abril. 2017

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

BERTONI, G. Lixão da Estrutural começará a fechar em agosto deste ano. **Correio Braziliense**, Brasília, 2017. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/05/10/interna_cidade_sdf,594010/lixao-da-estrutural-vai-fechar-as-portas-em-agosto-deste-ano.shtml>. Acesso em: 26 mai. 2017.

BOMTEMPO, E. Brinquedo e educação: na escola e no lar. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 61-69, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v3n1/v3n1a07.pdf>>. Acesso em: 5 de abril. 2017

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. p. 31-53. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 5 de março. 2017.

DOLTO, F. **As etapas decisivas da infância**. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA. **Fora da escola não pode!** Brasília, 2010. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/activities_26691.htm>. Acesso em: 10 mai. 2017.

_____. **Infância e adolescência no Brasil**. Brasília, 2014. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/pt/activities.html>>. Acesso em: 11 mai. 2017.

_____. **Uma em cada quatro crianças em zonas de conflito está fora da escola**. Brasília, 2016. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/media_32085.html>. Acesso em: 20 mai. 2017.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 109-121.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1984. Organizadores Michael Cole et al. Tradução José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche.

KLÉBIS, D. Crianças na guerra. **Revista Pré-Univesp**, São Paulo, n. 61, 2016. Disponível em: <<http://pre.univesp.br/criancas-na-guerra#.WUb7VGjyvlU>>. Acesso em: 22 mai. 2017.

OLIVEIRA, C. A 20 km do Palácio do Planalto, favela com 12 mil famílias 'brota' do maior lixão da América Latina. **R7**, Brasília, 2015. Disponível em: <>. Acesso em: 25 mai. 2017.

REDE PETECA. **Consequências**. Disponível em: <<http://www.chegadetrabalhoinfantil.org.br/trabalho-infantil/consequencias/>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

SANTOS, B. F. Os números da violência contra mulheres no Brasil. **Exame**, São Paulo, 2017. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/brasil/os-numeros-da-violencia-contra-mulheres-no-brasil/>>. Acesso em: 2 jun. 2017.

SIGNIFICADOS. **Significado de infância.** Disponível em: <https://www.significados.com.br/infancia/>>. Acesso em: 28 jun. 2017.

VALENTE, R. Favela com 12 mil pessoas cresce a 17 km do Palácio do Planalto. **Folha de São Paulo**, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/06/1636204-favela-com-12-mil-pessoas-cresce-a-17-km-do-palacio-do-planalto.shtml>>. Acesso em: 25 mai 2017.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

- 1) Como surgiu a Casa de Paternidade?
- 2) Porque o CDC?
- 3) Em que momento o CDC se encontrou com o Projeto da Universidade de Brasília “Autonomia”?
- 4) Qual é a concepção de infância da Casa de Paternidade ou a sua?
- 5) Como o CDC se configura como elemento de proteção e cuidado da infância?

APÊNDICE. TERMO DE CONSENTIMENTO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de Identificação:

Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Pedagogia pela Universidade de Brasília.

Pesquisador responsável: Camilla Façanha Klein sob a orientação da Prof.^a Dr^a. Fátima Lucília Vidal Rodrigues.

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade de Brasília – Faculdade de Educação.

Telefones para contato: (61) 3222.5717 / (61) 98220.4551

Nome do voluntário:

Idade: _____ anos R.G. _____

Responsável legal (quando for o caso):

R.G. Responsável legal: _____

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade. Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente o pesquisador e a orientadora terão conhecimento dos dados.

Ao participar desta pesquisa a Sr. (a) não terá nenhum benefício direto.

O Sr. (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Eu, _____, R.G. nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

Assinatura do Participante